

A identidade e a família na escrita para a infância

Cristina Nobre – ESECS/IPL

Resumo

A literatura para a infância tem sempre refletido as transformações conceituais que acompanham os novos dias. Tal acontece com a questão da procura da identidade, por parte da criança, e com as necessidades de aceitação / inclusão, assim como com o conceito de família e parentalidade, desenvolvido e aceite pelas sociedades mais desenvolvidas nas últimas décadas. Parte-se de dois textos de literatura para a infância inéditos, criados pelas estudantes do ensino básico, para perceber como os novos potenciais escritores se inserem nessas temáticas.

Palavras-chave: identidade; inclusão; novas famílias.

Abstract

Children's literature has always critical reflected among the conceptual transformations of nowadays. It happens with the child's search of identity, and the need of acceptance / inclusion, as well as with the family concept and parenting, developed and accepted by most developed societies in the last decades. We start from two non published Children's literature texts, written by students of basic education, to try to understand how the new potential writers insert in those themes.

Key-words: identity; inclusion; new families.

Texto da comunicação

A identidade da criança, e a sua aceitação/ inclusão pelos/nos diversos grupos da sociedade em que se insere, bem como as reflexões sobre os novos conceitos de famílias, seja as de adoção, seja as homoparentais, têm sido temáticas a invadir e inovar a escrita da literatura para a infância com textos diferentes do tradicional e com ilustrações significativas, que exigem cada vez mais das competências da educação literária, motivacionais e interpretativas dos leitores e formadores (Barbosa, 2009; Pinto, 2014; Vieira, 2013). Importa saber se esta alteração das temáticas mais tradicionais atinge o potencial público escritor e formador na área da educação básica, e como o orienta uma formação de ensino superior cujo projeto inclua a criação e inovação.

Na UC de Literatura para a Infância, passa-se pela contaminação fulgurante e muito atual que a literatura infantil tem assimilado, quer na temática, quer por meios mais técnicos e acesso a meios digitais (Amos e Suben, 1995; Hunt, 1998). Os estudantes de ensino básico, depois duma imersão na literatura para a infância tradicional e na pós-moderna, sobretudo através de textos que tratam da identida-

de da criança e da sua aceitação/inclusão (Velthuijs, 2000; McKee, 1997), assim como da complexa questão das famílias homoparentais e de adoção (Bacelar, 2008), debatem os conceitos em grupo, com o objetivo de criarem eles próprios a ‘sua’ história ou conto. Embora não tivessem parâmetros limitativos, a não ser que poderiam pedir a alguém extra grupo a ilustração dos seus textos (o que já pressupõe que hoje em dia não se imagina a existência da literatura para a infância despidida de imagens), o resultado foi que as temáticas afloradas foram maioritariamente sobre os conceitos transformadores relativos à infância, discutidos em aula.

Resultaram textos imaginativos e capazes de se transformarem em livros interativos, se houvera editora disposta a arriscar. No entanto, gostaria de destacar dois textos criados pelas estudantes de ensino básico, em ‘livros simulados’ que elas próprias produziram: *A Riscas e o Jubinhas*, de Ana Laureano, Ana Duarte, Diana Martins, Joana Pinto e Nídia Mesquita; e *Não podia ter uma família melhor!*, de Ana Vieira, Janine Santos, Jéssica Marques, Raquel Fonseca e Rita Santos. Trata-se de um estudo de caso em que a oscilação e reflexão sobre os conceitos de identidade e família é a regra do jogo de escrita e de leitura.

Com *A Riscas e o Jubinhas* o registo oscilou, numa primeira parte, entre a definição de uma identidade individual, diferente de todas as outras, e, numa segunda parte, entre a exclusão ostracizante dos grupos até à aceitação da diferença de cada um. O texto foi especialmente conseguido através duma brevidade simplificada e cheia de subentendidos, auxiliados por uma ilustração esclarecedora e esteticamente motivante, mostrando que o leitor-criança é perfeitamente capaz de acompanhar os significados menos óbvios mas desambiguados pela revelação figurativa criada pela ilustração. Siga-se o exemplo, apenas do texto escrito:

‘A Riscas é um animal diferente, pois não é uma zebra, nem uma girafa. A Riscas, em vez de ter o corpo todo às riscas ou todo às manchas, tem uma mistura dos dois. Apesar da diferença, a Riscas é... igualmente sorridente, ... igualmente divertida, ...igualmente apaixonada, ...igualmente sonhadora, ...igualmente vaidosa.’

Confrontada com os outros animais (as girafas; os elefantes; os hipopótamos), só quando se dá o encontro com o leão Jubinhas, a inclusão se começa a fazer, alargando-se, a partir da visão e compaixão dele, à compreensão de todos: ‘A Riscas era afinal... um animal especial’. Fundamental é o facto de o livro criado pressupor um leitor interativo, capaz de colaborar na figuração das ilustrações e na compreensão das sequências textuais, através da utilização adequada dos animais/fantoches (fornecidos logo na abertura da narrativa) em algumas cenas apenas paisagísticas, a que faltou deliberadamente a presença da figuração das personagens-animais: ‘Personagens: utilizar como fantoches durante a leitura.’

Com *Não podia ter uma família melhor!* o modelo escolhido foi o dos personagens-animais, que devem apresentar a sua família na escola. Assim, Zaki, o pequeno elefante, filho adotivo de duas mães girafas, faz com que a leoa Safira interroge os pais, tradicionais macho e fêmea, sobre a estranha família do seu

colega de escola, sendo esclarecida pelos dois, quer quanto à adoção, quer quanto às famílias homoparentais, com a naturalidade requerida para um público-leitor do pré-escolar, no pressuposto de que eventuais dúvidas e esclarecimentos possam ser trabalhados no processo de exploração do livro:

‘- Safira, nem todas as famílias são iguais. Há meninos sem pais e há adultos sem filhos que querem ser pais. – Disse a mãe.

O pai continuou:

- Esses adultos que querem ser pais têm muito amor para dar e tornam-se pais do coração, ou mães...

- É por isso que o Zaki tem duas mães?

- Sim, Safira. A Nala e a Íris não tinham filhos e quando conheceram o Zaki gostaram tanto dele que quiseram ser as suas mães.- Disse a mãe.

Safira continuava confusa:

- Sim, mas eu tenho uma mãe e um papá e ele tem duas mães. Porquê?

- Existem famílias diferentes. Tal como eu gosto da tua mãe, a Nala e a Íris gostam uma da outra. – Afirmou o pai.

- O importante é o amor e o carinho que existe dentro de cada família. - Disse-ram os pais.’

Acreditamos que ambos os textos motivam os seus leitores e lhes mostram que o ‘texto não vive só de texto’, isto é, a narrativa *tout-court*, destinada a ser interpretada de uma vez por todas e arrumada na estante, está em fase de franca reestruturação. Neste século de interrogações e aparecimento de novos conceitos e valores, a ética trabalhada através dos textos de literatura infantil continuará a ser a estratégia que permite leitores atentos intérpretes do mundo contaminado e em mutação em que todos globalmente respiramos. A educação literária tem, e terá, um papel a desempenhar no cimentar de uma ética humanista alargada aos novos valores da humanidade.

Referências Bibliográficas:

- AMOS, Berthe & SUBEN, Eric (1995) *Writing and Illustrating Children's Books for publication. Two Perspectives*, Writer's Digest Books, Cincinnati, Ohio.
- BACELAR, Manuela (2008) *O Livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8 anos)*, edições Afrontamento, Porto.
- BARBOSA, Ângela (2009) “A Literatura Infantil e a construção da identidade feminina e masculina” in V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, UFBA, Salvador, Bahia, Brasil, 2009, <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19171.pdf>
- HUNT, Peter (ed.) (1998) *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*, Routledge, London & New York.
- McKEE, David (1997) *Elmer*, ilustração de D. McKee, trad. José Oliveira, ed. Caminho, Lisboa.
- PINTO, Andreia Vaz (2014) *Pensar a Homoparentalidade... A partir das atitudes de diferentes profissionais relativamente à parentalidade homossexual*, tese de mestrado da Un. Fernando Pessoa, Porto in <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4305/1/DM%20Andreia%20Vaz%20Pinto.pdf>
- VELTHUIJS, Max (1996) *Sapo é Sapo*, ilustração de Max Velthuijs, trad. Ana Moniz, ed. Caminho, Lisboa, 2000.
- VIEIRA, Tamy Quadra (2013) “Desmistificação da Adoção por meio da Literatura Infantil” in http://www.dfe.uem.br/TCC-2013/Trabalhos2013/TAMY_QUADRA_VIEIRA.pdf